

A FUNÇÃO MARCADORA DISCURSIVA DE AÍ TÁ

Monique Borges Ramos da Fonseca
Mestrado/UFF
Orientadora: Mariangela Rios de Oliveira

Introdução

Este trabalho é uma ramificação do extenso projeto intitulado *Construcionalização e mudança construcional em expressões verbais compostas por pronomes locativos no português* (OLIVEIRA, 2014), subdividido e investigado por integrantes do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF, os quais, cada qual se responsabiliza pela investigação de distintas combinações formadas por locativo sob a perspectiva da Linguística Funcional, mais recentemente, na abordagem do inovador aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no uso, doravante LFCU, que concilia os pressupostos da linguística funcional e da linguística cognitiva, conforme Traugot & Troudale (2013), Traugot (2008), Goldberg (2006;1995) dentre outros.

Essa investigação configura-se como fase subsequente da pesquisa desenvolvida em nível de Iniciação Científica em que o estudo se concentrou na comparação entre os padrões construcionais LocV e VLoc, instanciadas nas microconstruções **aí está e está aí** em textos orais do português brasileiro, retirados dos corpóra Peul e D&G . Constatamos o uso inovador da instanciação *aí está*, em sua variação *aí tá*, com função marcadora discursiva em textos de fala, funcionalidade distinta da conectora empregada em textos escrito conforme ALVES (2016), fato que suscitou a continuidade da pesquisa.

Fundamentação Teórica

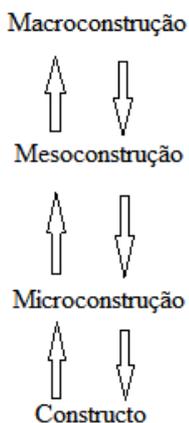
A LFCU assume que a língua se constitui como uma rede de nós em que as unidades linguísticas básicas são as construções, as quais são compreendidas, segundo Goldberg (1995), como pareamentos de forma e sentido altamente vinculados. Sendo os pareamentos as

unidades básicas da rede, da gramática, não há, para a linguística cognitiva, distinção entre item lexical e item gramatical, uma vez que todos os elementos linguísticos, dos morfemas às sentenças mais complexas, são tidos como construções.

Conforme Traugott (2008), a construção pode ser trabalhada em níveis hierárquicos, tais quais: o macro (macroconstrução), com propriedades formais e funcionais mais gerais, mais amplas e abstratas e, por isso, mais esquemáticas; o meso (mesoconstrução), com construções específicas ramificadas da macro; o micro (microconstrução), um tipo (*type*) da meso e o constructo, o uso de fato.

Figura 1

Modelo de hierarquia construcional com base em Traugott (2008)



De acordo com a abordagem construcional, os níveis construcionais representados acima, da macroconstrução ao constructo, podem passar por mudanças, que são aferidas devido ao seu grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Nosso estudo se detém na investigação de construções no nível do constructo, do uso efetivo das expressão *ai tá*.

A esquematicidade é verificável por meio de seu grau de abstratização e generalidade, quanto mais abstrato, mais esquemático. As macroconstruções são as mais esquemáticas, uma vez que suas propriedades formais e funcionais são mais gerais, de modo a apresentarem *slots* a serem preenchidos. As microconstruções são as menos esquemáticas, já que suas partes são mais entrincheiradas formal e funcionalmente sendo observáveis nos constructos, em seu uso efetivo pelos falantes/escritores. Em nosso estudo consideramos a produtividade *token*, que consiste na frequência de determinado uso na língua. A produtividade está relacionado com a frequência de uso.

Já a composicionalidade refere-se ao grau de transparência, de analisabilidade da construção, de quão possível é identificar suas subpartes, melhor dito, à possibilidade de se

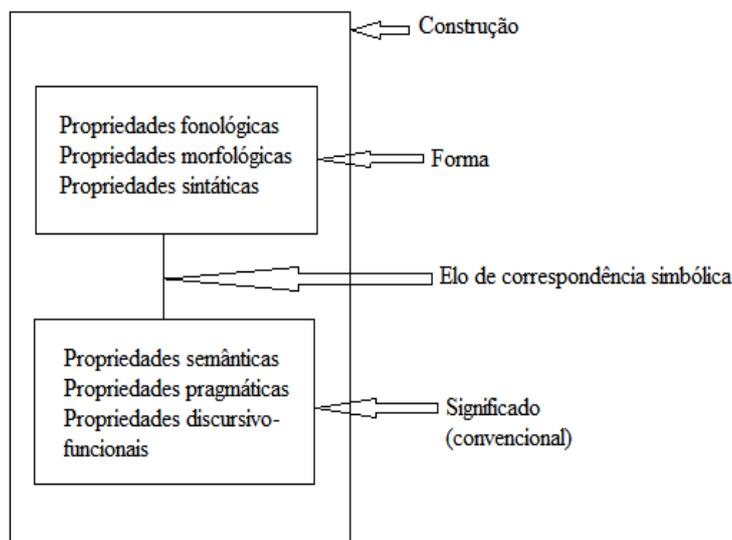
identificar o significado e a forma de suas partes, se são passíveis de serem analisadas individualmente ou se há entrincheiramento tamanho que o novo significado torna-se incompatível com as formas e os significados primeiros.

De acordo com o modelo da Gramática de Construções, a gramática é holística, nenhum nível gramatical é autônomo ou mais relevante que o outro, todos atuam em conformidade em uma construção, ou melhor, todos integram a construção conferindo-lhe suas particularidades. Com base na definição de Goldberg (2006) e Traugott e Trousdale (2013), consideramos construções como pares convencionalizados de forma e sentido.

Croft (2001) ilustra um elo de correspondência simbólica por meio do qual elucida as propriedades da forma e do sentido que constituem as construções e compõem seus contextos de uso; aquelas são referentes à fonologia, à morfologia e à sintaxe e estas à semântica, à pragmática e ao discurso.

Figura 2

Elo de correspondência simbólica segundo Croft (2001)



Para maior rigor analítico e em conformidade com a teoria que assumimos, observamos as propriedades formais e funcionais no texto em que está inserida a fim de detectar seu contexto de uso e sua funcionalidade.

Função Marcadora Discursiva

Nesta seção faremos uso das concepções de marcador discursivo propostas por Risso et Al (1996) e Penhavel (2005)

De acordo com Penhavel (2005) e Risso et Al (2006), marcadores discursivos são elementos frequentes na composição do discurso, "estabelecendo algum tipo de relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores", (PENHAVEL,2005, p. 1296), sendo-lhes atribuído, assim, duas funções gerais: função textual e função interacional. A função textual se dá quando o MD relaciona as mensagens do discurso e a interacional, quando o MD atua na interação entre os interlocutores.

Interessa-nos discutir aqui a função textual dos marcadores discursivos estabelecidos por Penhavel (2005), uma vez que é neste plano de marcação que: a microconstrução *ai tá* exerce sua funcionalidade discursiva em textos distensos, eem que os traços identificadores propostos por Risso et Al (1996) são verificados e analisados.

Segundo Penhavel (2005):

Os marcadores discursivos exercem funções textuais quando atuam na organização do conteúdo informacional do discurso. Nesse caso, integram-se aos componentes ideacional e textual da linguagem, operando em um nível hierarquicamente superior ao da sentença. funcionam como mecanismos de coesão textual, estabelecendo algum tipo de relação semântica e, às vezes, quase puramente estrutural, entre diferentes unidades. Propiciam, por exemplo, abertura, expansão, retomada e fechamento de tópicos e distinção de estruturas de figura e fundo. (PENHAVEL, 2005, P. 1299)

Risso et Al (1996) chegam a dezesseis variáveis de distintos aspectos a fim de identificar os traços que definem elementos tratados como marcadores discursivos. A partir das variáveis, cada qual com traços indicativos de sua escalaridade, seis matrizes-padrão são estabelecidas a fim de se observar os traços caracterizadores dos MDs, considerada a possibilidade de alguma variação justificável pela dinâmica funcional dos marcadores. Dentre as dezesseis em análise, os autores observam que três apresentam constância de seus traços e as definem como "traços que por sua estabilidade formam um núcleo decisivo na delimitação do conjunto dos marcadores discursivos" (RISSO ET AL, 1996, P. 46).

Risso et Al (1996) especificam algumas propriedades básicas modelares da natureza dos MDs. Tais propriedades, segundo os autores, "por vezes estão intimamente correlacionadas" (p. 53). São elas:

a) como mecanismos verbais da enunciação, atuam no plano da organização textual-interativa, com funções normalmente distribuídas entre a projeção das relações interpessoais - quando o foco funcional não está no sequenciamento de partes do texto - e a proeminência da articulação textual - quando a dominante deixa de estar no eixo da interação;

-
- b) operam no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo; por isso mesmo, são exteriores ao conteúdo proposicional e à informação cognitiva dos tópicos ou seguimentos de tópicos. Entretanto, asseguram a ancoragem pragmática desse conteúdo, ao definirem, entre outros pontos, a força ilocutória com que ele pode ser tomado, as atitudes assumidas em relação à ele, a checagem de atenção do ouvinte para a mensagem transmitida, a orientação que o falante imprime à natureza do elo sequencial entre as entidades textuais.
- c) manifestam um processo de acomodação do significado literal da (s) palavra (s) que os constitui (constituem) à sinalização dentro do espaço discursivo. Esse fato carrega, muitas vezes, uma perda parcial de sua transparência se,ântico-referencial;
- d) analisados do ponto de vista da integração sintática na estrutura oracional, os MD são unidades independentes, que, portanto, não se constituem como parte integrante dessa estrutura;
- e) realizam-se, na maior parte das vezes com o acompanhamento de uma pauta prosódica demarcativa, ora bem definida - em ocorrências delimitadas por nítida curva entonacional, com rebaixamento do tom no final da unidade -, ora bastante sutil.
- f) são insuficientes para constituírem enunciados completos em sí próprios, ou seja, são, do ponto de vista comunicativo, unidades não-autônomas;
- g) Em seu padrão mais frequente e característico, os MDs são formas de extensão reduzida a uma ou duas palavras ou de massa fônica mais restrita a um limite de três sílabas tônicas;
- h) de modo geral, destacam-se como formas recorrentes no espaço textual;
- i) quanto à apresentação formal, os MD são, comumente, formas mais ou menos fixas, pouco propensas a variações fonológicas, flexionais, ou de construção. (RISSO ET AL, 1996, P. 53-54)

Os autores afirmam que a independência sintática, a não-autonomia comunicativa, a articulação discursiva e a orientação da interação são características inerentes ao MD, mas que há "certa flexibilidade com que exemplares de MD se afastam de algumas coordenadas básicas", evidenciando sua gradiência.

Segundo Risso et Al (2006) sobre a identificação de marcadores discursivos:

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. (RISSO ET AL, 2006, p. 21)

Assim como sua função textual definida por Penhavel (2005), as propriedades listadas por Risso et Al (1996) são passíveis de serem verificadas nos registros de *ai tá* a seguir:

(1) I: tudo bem... aí:: eu peguei... e liguei... pro meu namorado... antes de ir... falando que ia e tal... ele ficou iradíssimo com a situação... mas tudo bem... e a gente já estava meio assim... eu já estava meia de saco cheio... né? e tal... **aí tá**... aí eles passaram lá no colégio... aí... já rolou aquele clima... com o tal amigo do namorado dela ((riso)) que até/ que a/ então... é o meu namorado... atual ((riso)) **aí tá**... fomos todos... aí chegou lá... aquele clima total... né? sol ((riso)) represa... e eu desesperada porque... eu... eu:: eu senti que aquele vín::culo que rolava com o meu namorado estava indo embora... entendeu?

(narrativa de experiência pessoal oral – ensino médio – Juiz de Fora)

Em (1), *aí tá* atua no encerramento de um comentário precedente para dar sequência aos fatos narrados e manter o desenvolvimento da história. Nesse registro o uso do constructo é parcialmente transparente, tem a forma erodida, não possui significado comunicativo autônomo, não apresenta função sintática independente do contexto em que atua, representando, portanto, indubitavelmente, a classe dos marcadores discursivos.

Metodologia

Nosso aporte teórico, a LFCU, pautada no método indutivo, parte da análise de dados de fala produzidos em contextos reais de uso da língua. Partimos, então, do levantamento, da descrição e da análise da expressão *aí tá* no português do Brasil a fim de constatar sua função na língua em uso.

Nosso trabalho se configura como de metodologia qualitativa, uma vez que partimos da observação e análise ampla das propriedades construcionais a fim de descrever o contexto de uso de nosso objeto de estudo.

Com a finalidade de ampliar o levantamento de dados e darmos conta dos propósitos da investigação, foram utilizados dois *corpora* na presente pesquisa, o *corpus* Discurso & Gramática¹ – a língua falada e escrita no Brasil (D&G) e o *corpus* Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul)².

A expressão *aí está*, instanciada como $LocV_{est}$, já amplamente estudada por Rocha (2016) em um viés diacrônico em textos escritos do Corpus do Português, foi, prioritariamente, investigada, em nossa pesquisa, em textos de modalidade oral do século XX dos corpora D&G e Peul, com o propósito de averiguar sua funcionalidade em textos mais

espontâneos da língua portuguesa do Brasil. Encontramos o uso de *ai tá* na citada modalidade textual.

D&G

O *corpus* D&G é constituído por textos falados, e seus correspondentes escritos, do português brasileiro contemporâneo de comunidades estudantis de cinco cidades brasileira do final do século XX. Suas entrevistas foram realizadas com estudantes desde a alfabetização até o último ano do ensino superior das cidades de Niterói (RJ), Rio de Janeiro (RJ); Rio Grande (RS), Juiz de fora (MG) e Natal (RN).

Contabilizando um total de 171 informantes: 18 da cidade de Niterói, 93 do Rio de Janeiro e 20 do Rio Grande, de Juiz de Fora e de Natal cada, este corpus abarca cinco diferentes tipos de textos orais transcritos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião, assim como seus correspondentes na modalidade escrita realizada pelos próprios entrevistados. Desta forma, os participantes produziram 5 tipos textuais na modalidade oral e os mesmos 5 na escrita, totalizando um número de 10 produções textuais por informante.

Foram investigadas em torno de 721 páginas do corpus D&G, incluindo a produção oral e escrita de todas as cidades participantes.

PEUL

O corpus Peul é composto por textos das modalidades falada e escrita no período de 1980 e 2000. Este corpus está dividido em seis seções: censo 1980; censo 2000; amostra de indivíduos recontactados 2000; amostra de fala infantil; amostra interacional e amostra do Mobral.

Foram investigadas, até o presente momento da pesquisa, 2244 páginas do Peul abrangendo as três primeiras seções listadas acima de textos orais, caracterizados pela marca dialógica, interacional, do gênero entrevista.

As amostras textuais foram segmentadas por faixa etária dos informantes: de sete a quatorze anos; de quinze a vinte e cinco anos; de vinte e seis a quarenta e nove anos; e acima dos cinquenta anos. O corpus compreende falantes do sexo masculino e feminino com nível de escolaridade do primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental e do ensino médio de diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Análise de Dados

Nosso estudo recai sobre as expressão *aí está*, formada pelo locativo *aí* e o verbo estativo *estar* na terceira pessoa do singular, a qual é investigada sincronicamente e observada como microconstrução em contexto em que houver maior entrincheiramento de seus itens. Em tal contexto, a referida expressão é tomada como microconstrução instanciada pela mesoconstrução $LocV_{est.}$, que é *types*, tipos, da macroconstrução $LocV$. Com base no quadro de distribuição de esquematicidade de Teixeira & Oliveira (2012, p. 21), temos, então, a seguinte rede construcional :

Figura 3

Rede construcional do padrão ($LocV$)

Esquematicidade

-

Macroconstrução	LocativoVerbo ($LocV$)
<hr/>	
Mesoconstruções	LocativoVerbo _{estativo} ($LocV_{est.}$)
<hr/>	
Microconstruções	<i>aí está</i>
<hr/>	
Constructo (uso efetivo)	<i>aí está / aí tá</i>

A condução de nossa análise, portanto, não busca apenas verificar a frequência de ocorrência do nosso objeto de estudo, mas também o grau de vinculação das propriedades formais e funcionais nos distintos contextos de uso, sua funcionalidade discursivo-pragmática, bem como sua configuração na rede de construções.

Análise parcial de *aí está*

No que concerne aos registros coletados da expressão *aí está*, foi realizado um levantamento de 12 dados no corpus D&G e 12 dados no Peul. Traremos um adendo parcial a respeito dos estudos de Rocha.

Foram contabilizado dez registros de *aí está* em textos orais do *corpus* D&G, dos quais sete encontram-se em sua variação *aí tá*, configurando-se como uma nova construção.

No corpus Peul, foram coletados doze usos de *aí está* e suas flexões, dos quais apenas quatro apresentaram-se como nova construção, novo pareamento de forma-função, exercendo a função de marcadores discursivos em contexto isolado. Os outros oito dados não apresentam integração construcional, de forma que o locativo *aí* se apresenta ora como elemento sequenciador e ora como locativo referenciador de lugar, e o verbo *estar*, ora funciona como verbo auxiliar e ora como verbo estativo em contexto típico.

Tabela 1

Quantificação total da microconstrução *aí tá* em contexto isolado nos *corpora* D&G e Peul.

<i>Corpus</i>	Total da microconstrução em contexto pós-construcionalizado
Corpus D&G	7
Corpus Peul	4

Os 11 registros da microconstrução *aí tá*, todos retirados de textos do século XX, apresentam a função pragmático-discursiva e as características estabelecidas por Risso et AL (1996) referentes aos mecanismos pragmáticos denominados *marcadores discursivos*. Dentre as particularidades que apresentam ao exercerem função textual, segundo Risso et AL (1996), estão: atuar na articulação textual; operar no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo; não se constituírem como parte integrante da estrutura sintática oracional; serem formas de extensão reduzida a uma ou duas palavras ou de massa fônica mais restrita a um limite de três sílabas tônicas a fim de não se constituírem como forma sintática independente; destacarem-se como formas recorrentes no espaço textual.

Seguem exemplos de registros de textos orais da microconstrução *aí está*.

(3) I: ...e antes disso eu tinha recriminado a minha colega que ela estava saindo com um menino que ela falou que não ia sair... *está* eu recriminando ela... *aí* eu falei assim “não... não vou sair com ele não... dando o maior show lá... dando o maior show... não vou sair com ele não...” *aí* ele foi chegou perto de mim... descumpri com a minha palavra... fui... e saí com ele... **aí tá**... depois eu comecei a pensar... né? a minha colega chegou e falou assim “poxa... Flávia... não tinha nada a ver...”

(Narrativa de experiência pessoal oral – 18 – Rio de Janeiro, D&G)

(4) I: ? ((riso)) ele voltou... ela:: desceu... *aí* a gente ficou/ a festa estava terminando... *aí* eu fui... perguntei pra... pra uma menina que:: ela só ia no final da festa... era quase duas e meia... *aí* ela... ela morava/ mora perto da minha casa... e::... eu pedi pra ela me levar pra casa... me deixar na porta da casa dela... que eu ia... que eu ia pra... pra casa sozinha... **aí tá**... tudo bem... ela... ela... ela... aceitou... *aí*... a gente:: estava saindo... estava/ tinha acabado a festa... a gente saiu...

(Narrativa de experiência pessoal oral – oitava série – Juiz de Fora D&G)

(5) **E:** Você conseguiu isenção da Rural?

F: Consegui porque, é claro, né, consegui primeiro porque eu consegui comprová que eu num tinha mesmo como pagar, eu não estava trabalhando na época, daí também uma facilidade, porque eu pude sair daqui, pude saí cedo, tive o tempo todo disponível pra ficá lá à mercê da universidade com toda a burocracia, que, no caso, eu saí cedo de casa e fui lá pra lá pra Rural, uma viagem enorme, **aí tá**, chegando lá ainda tive que esperá acho que começá o horário de atendimento, eles dão uma, te dão uma, folha com os requisitos, né, o que que precisa, documentação, o que que precisa comprovar, essas coisa assim que são necessária pra eles te avaliarem, pra ver se você merece ou não, pode ou não pagar.

(Informante masculino, 21 anos, ensino médio, Peul)

Em (3), (4) e (5), pode-se depreender que a expressão convencional *aí está* passou por mudanças construcionais que implicaram em: descategorização, uma vez que o elemento *aí* não funciona conforme sua função prototípica de pronome locativo e o verbo *estar* perde seu sentido pleno; redução fonológica do verbo *estar* para sua variação *tá*;

aumento da função pragmática, apresentando-se produtiva em contextos com função de organizar o discurso; redução de sua composicionalidade e significação distinta que propicia leitura entrincheirada dos termos, configurando-a como uma microconstrução.

Em interlocução com o estudo da gramática de construções da linha da linguística cognitiva, **inicialmente**, admitimos que, ao passar por mudanças construcionais, tais registros poderiam expressar o uso de *aí tá* em contexto de mudança, que se caracteriza como construcionalizado, uma vez que há surgimento de novo nó, com nova forma e novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes (Traugott e Trousdale, 2013).

Nos três dados, a microconstrução propicia a finalização de um raciocínio, enunciação de um acontecimento ou mudança de tópico para dar continuidade ao que estava sendo narrado anteriormente ou ao se quer dizer ou prosseguir na narrativa, de modo a organizar a ordem dos acontecimentos dando continuidade no enredo, funcionalidade condizente com o estabelecido por Penhavel (2005) sobre a função textual dos marcadores discursivos.

Com base em Teixeira (2010) foram observados fatores de mudança construcional referentes a cada uma das propriedades formais e funcionais constituintes das construções de acordo com Croft (2001). Assim como observado em Teixeira no nível da mesoconstrução V_{desloc} , os fatores a seguir foram verificados no uso do constructo *aí tá*, pós-construcionalizado, em textos de modalidade oral:

Figura 4

Características da microconstrução *aí tá*

ólo	P riedades	Prop	Características / Parâmetros
orma	F	Fono lógica	"Formação de um grupo de força" e redução do material fônico
		Morf ológica	Perda das desinências verbais; perda de traços prototípicos das categorias verbal e locativa; "formação de uma só categoria gramatical"

	Sintática	Entrincheiramento do locativo com o verbo e perda de suas características sintáticas; impossibilidade de inserir elementos intervenientes e de estabelecer correspondente negativo e "expansão sintática".
Sentido	Discursivo-funcional	Motivação de fatores extralinguísticos
	Pragmática	"Mudança funcional vinculada à contextos específicos"; "Expansão semântico-pragmática"
	Semântica	"Integração do sentido do locativo com o verbo"; desbotamento espacial, perda da composicionalidade.

Observamos que a microconstrução *aí está* apresenta menos composicionalidade, mais entrincheiramento e produtividade *token*. Cabe-nos investigar a gradiência de nossos objetos de estudo dentro de suas respectivas classes funcionais, bem como verificar se há algum possível contínuo categorial em seu uso sincrônico.

Considerações Finais

Ao utilizar os corpora D&G e PEUL, que disponibilizam acesso à transcrições de textos orais e são constituídos por diferentes gêneros textuais, constatou-se que há distinção de valor semântico-funcional quando a microconstrução é utilizada em registros orais.

Verificamos que o uso da expressão *aí tá* foi mais produtivo no corpus D&G. Consideramos que por se tratar de um corpus no qual predomina gêneros textuais narrativos e de relatos, os quais não há muita interação, a microconstrução *aí tá* é utilizada com função de marcador discursivo atuando na mudança de tópico, na pausa de um raciocínio

para retomar algo dito anteriormente, no acréscimo de uma observação feita durante o relato para posterior prosseguimento do mesmo etc.

Salientamos que por ser uma investigação de viés sincrônico não nos atemos à rastrear os micropassos de mudanças de *aí está* para *aí tá*, interessando-nos apenas a funcionalidade desta em seu uso efetivo em textos orais.

REFERÊNCIAS

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions SV*, 2006, p. 1-9

GOLDBERG, Adele. 1995. *Constructions: a construction approach to argument structure*, Chicago: The University of Chicago Press.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006. 280 p.

PENHAVEL, E. *Sobre as funções dos Marcadores Discursivos*. IN: Estudos Lingüísticos XXXIV, p. 1296-1301, 2005. [1296 / 1301]

PENHAVEL, E. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum?. *Revista (CON)TEXTOS Lingüísticos* . Vitória – v.6, n.7 (2012), p. 78 - 98.

RISSO, M. S. *et al. Marcadores discursivos traços definidores*. In: KOCH, I.G. V. (org.) *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. DaUNICAMP/FAPESP, 1996.

TEIXEIRA, A. C. M. *A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2015.

TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English*. In: REGINE, E.

et al. (Orgs.). Variation, selection, development probing the evolutionary model of language change. New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-252

TRAUGOTT, E.C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Lista de siglas adotadas no trabalho

LFCU - Linguística Funcional Centrada no Uso

D&G - Discurso e Gramática

Peul - Programa de estudo sobre usos da língua

LocV_{est} - Locativo Verbo estativo

Relação de figuras e tabela

Figura 1 - Modelo de trajetória de mudança construcional com base em Traugott (2008)

Figura 2 - Elo de correspondência simbólica segundo Croft (2001)

Figura 3 - Rede construcional do padrão (LocV)

Tabela 1 - Quantificação total da construção *aí está* nos corpora D&G e Peul.